

# A «oposição reaccionária» objecto de intervenção do prof. Miller Guerra na Assembleia Nacional

«Se é possível sem trabalho demasiado, subjugar ou, pelo menos, reduzir a impetuosidade estudantil, é extremamente difícil vencer as forças conservadoras estáticas e, mais difícil ainda, a oposição reaccionária — porque ela existe — disse, esta tarde, na Assembleia Nacional, o deputado Miller Guerra, na sua terceira intervenção feita no hemisfério de S. Bento desde que, no passado dia 6, foi anunciada a reforma do ensino.

«São estes os piores inimigos da reforma» — frisou o liberal deputado. «Encontra-se aqui o nó da questão de que depende do êxito ou o malogro das inovações sociais de qualquer espécie».

Para o deputado Miller Guerra a «modéstia das contribuições, dos comentários e das críticas» aos propósitos reformadores do ministro Velha Simão não constitui «motivo para desalimo, porque o hábito de discutir ideias e projectos governamentais não se adquire de

um momento para o outro».

«Vozes autorizadas apontaram o desassossego causado pelos estudantes como o obstáculo principal da reforma, levando a crer a quem conhece mal os factos, que se não fosse a agitação universitária se executava a reforma sem embaraços — e quem sabe? — com suavidades — afirmou o prof. Miller Guerra, considerando esta maneira de ver «parcial e singela».

«Não defendo os insurrecções, mas isso não significa

que lhes assaie as culpas do estado do ensino, e, muito menos, os responsáveis só a eles pelos emblemas que embaraçam a acção reformadora», disse o orador, frisando o seu desejo de «ser compreendido».

Profundo conhecedor dos problemas da Universidade portuguesa, o deputado Miller Guerra afirmou claramente que enquanto os «movimentos dos estudantes são visíveis, e, portanto, identificáveis com maior ou menor prontidão» e «possuem considerável força aglutinadora, principalmente se sofrem repressão violenta — inexorável muitas vezes, desnecessária sempre, o «grupo con-

servador» é «invisível, difuso, esvalde, e ideologicamente coeso», dispondo de «um grande aliado: a inércia social».

«Assim como foram tomadas medidas disciplinadoras contra os estudantes agitados, assim se deverão tomar contra os perturbadores da marcha evolutiva... ainda

quando escudados na defesa da lei, da ordem e das tradições» — afirmou, ainda, Miller Guerra, a tarefa «mais necessária e urgente consiste em distrair as resistências oferecidas pela oposição do interior»... «Deste modo se põe à prova a capacidade reformadora das hierarquias universitárias e dirigentes».